

A VELHA AMENDOEIRA

MARIA LUÍSA STUDART DE MORAIS

*Passei ontem por lá. Ainda se encontra
a velha amendoeira no terreno
onde existiu outrora a nossa casa.
Já não tem a altivez do antigo porte,
os braços pendem, como fatigados,
sob o péso das heras envolventes.
parece agora um mastro bipartido,
que vai tomando a forma de uma cruz...
A morte a ronda, abalam-lhe as raízes
as estacas batidas no terreno,
preparando uma nova construção;
a morte a ronda, sente-a na emboscada,
medrosa, escuta o martelar sinistro,
como o enfêrmo o pulsar do coração.
Se Deus lhe desse a graça da palavra,
que linda estória contaria aos pássaros!
A estória de uma casa! Anos seguidos,
acompanhara a vida de um casal
e a dos filhos, as môças e os rapazes,
os mais velhos, na época do estudo,
empenhados na busca do ideal.*

*Teria o vento, lhe roçando as fôlhas,
feito o milagre de emprestar-lhe a voz?
Não foi um sonho, ouvi-lhe a fala, juro
que as árvores têm alma como nós.*

— *Havia no jardim, antigamente,
um banco, à minha sombra colocado;
era o ponto de encontro para a gente
da casa senhorial, erguida ao lado.
Se era o lugar melhor, o preferido
dos meninos nos jogos e brinquedos,
também era o recanto dos segredos,
das confissões de amor, junto ao ouvido.
Foi testemunha de promessas feitas,
de juramentos e de lindas frases,
das brigas, por ciúmes, por suspeitas,
dos enlevos românticos nas pazes.
Ouvii depois rumorejarem beijos,
selando o acôrdo eterno entre os casais
e os viu passar, de braços, em cortejos,
no dia alegre dos seus esponsais.
Quanta música, então, vinha das salas,
em cadências de arpejos e de escalas,
ecoando no jardim cheio de sol!
Os pássaros, ouvindo-a, perguntavam:
seriam mãos divinas que tocavam,
ou chegara, cantando, o rouxinol?
Mas a tormenta já batia às portas;
passou rugindo o vento e, enraivecido,
jogou por terra o manacá florido
sôbre um rubro lençol de fôlhas mortas.
Nada poupou, no seu furor insano:
os pássaros, com mêdo, se calaram,
na casa alegre as luzes se apagaram.
Fechou-se a sala. Emudecera o piano.
E o silêncio reinou, até que, um dia,
no céu houve um prenúncio de bonança;*

*asas fremiram no calor dos ninhos,
algo de grande e eterno acontecia:
é que se ouvira um riso de criança,
acordando o coral de passarinhos.
As estações e os anos decorreram,
minha sombra, no chão, fêz-se maior;
em meus ramos as aves esconderam
outros ninhos macios para o amor.
Neste banco sentaram-se, abraçados,
novos pares, em ternas efusões;
semelhavam-se aos outros namorados.
Não variam, no amor, as expressões...
Quantas cenas afluem à memória!
Resta contar o lance principal,
o fecho emocionante desta estória,
o quadro apoteótico final:
Foi no jardim, a festa. Numeroso,
veio pousar, aqui, ruidoso bando,
para um retrato. Ao centro, um par idoso.
Vejo-os ainda .. Estão comemorando
inesquecível data: bodas de ouro!
Em tórno dêles, a família, unida
aos amigos da casa, entoa, em cântico,
uma terna canção, pedindo aos céus
bênçãos divinas para os que, na vida,
se amavam tanto... Era a canção do adeus...
Foi a última vez que se juntaram
os pássaros, num madrigal feliz;
as andorinhas nunca mais voltaram,
nem fizeram mais ninho os bentevis.*